

FORMAÇÃO INICIAL E INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: VISÃO E EXPECTATIVAS DE FUTUROS JOVENS EDUCADORES

Tito Marcos Domingues dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Colégio Estadual Júlia Kubitschek

Escola Municipal Mem de Sá

titodomingues1@hotmail.com

Resumo

Numa escola estadual da Rede Pública de ensino do Município de São Gonçalo-RJ, um professor da disciplina de Geografia, decidiu refletir acerca das experiências na formação inicial de seus alunos e futuros educadores do segundo ano do Curso Normal à Nível Médio de Ensino, no que tange à inclusão de alunos com deficiência em classe comum. O trabalho teve como objetivo problematizar a formação inicial para inclusão, partindo do discurso proferido pelos jovens e futuros professores quanto às expectativas em atuar em turmas inclusivas. Estes alunos e futuros formadores, na faixa etária entre dezesseis e dezessete anos, participaram como sujeitos da pesquisa. Teve como suporte teórico e metodológico a Teoria Crítica da Sociedade, especificamente, com ênfase no pensamento de Theodor W. Adorno. Em seus estudos relacionado à formação de futuros educadores, o autor reconhece a importância de se pensar na formação de professores para além de sua dimensão profissional. Dimensão que não valoriza apenas a aquisição de conteúdo, mas também, a capacidade em se tornar sensível aos problemas sociais e atuar diante da realidade que o cerca. Como procedimento de coleta e análise dos dados foram utilizados: entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Os resultados revelaram que a existência de uma disciplina voltada à inclusão na escola possibilitou um debate positivo acerca da inclusão. Apontou a falta de resistência e de discriminação em relação à atuação com alunos com deficiência em turmas inclusivas por parte dos futuros professores e sujeitos da pesquisa. Constatou-se, também, no discurso dos futuros educadores, o reconhecimento de que a atuação com alunos com deficiência em turmas inclusivas, necessita de docentes que estejam aptos ao reconhecimento da importância da constante pesquisa como suporte à atuação pedagógica.

Palavras-chave: Formação Inicial, Inclusão, Professor- pesquisador.

Introdução:

Na Escola Estadual Padre Manoel da Nóbrega, no Município de São Gonçalo – RJ, no Brasil, um professor da Disciplina de Geografia, com o objetivo de problematizar a formação

inicial de seus alunos e futuros professores, resolveu entrevistá-los em relação à sua visão quanto à atuação em turmas inclusivas. Procurou buscar junto aos jovens e futuros professores, o discurso que retrata suas expectativas em relação ao magistério em turmas inclusivas.

Tratava-se de uma turma composta por dez alunos do segundo ano do Ensino Médio, concomitantemente com o Curso Normal que habilitará para atuar da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental.

O trabalho foi desenvolvido entre os dias dois de maio a quatro de junho de 2016.

A turma era composta, em sua maioria, por jovens entre dezesseis e dezessete anos e que se encontram no final da adolescência. A ideia deste trabalho surge para analisar o discurso desses alunos e futuros educadores, por se tratar de um alunado ainda muito jovem e diante de uma responsabilidade tão grande e complexa que é o exercício do magistério.

Referencial teórico-metodológico:

Buscou-se utilizar como referencial teórico-metodológico para analisar as falas dos alunos, mediante as entrevistas semiestruturadas, a Teoria Crítica da Sociedade, com ênfase no pensamento de Theodor W. Adorno.

Adorno se preocupou, em muito, com a formação dos professores de sua época. Isso ficou evidente quando criticou a forma como eram avaliados os professores de Filosofia nas universidades alemãs no início da segunda metade do século XX. Estava preocupado em refletir acerca da avaliação que desvendaria quem era intelectual ou mero profissional. Isto fica claro ao afirmar:

Portanto, o que se pretende avaliar neste exame é se aqueles que terão uma pesada responsabilidade quanto ao desenvolvimento real e intelectual da Alemanha, enquanto professores em escolas superiores, são intelectuais ou meros profissionais, como já dizia Ibsen há oitenta anos. (ADORNO, 2010, p.54).

O professor meramente profissional, de acordo com o pensamento do autor, irá se preocupar apenas com as atribuições de sua disciplina. Dará ênfase principal aos conteúdos curriculares, desprovidos de sua contribuição para formação do indivíduo. Por exemplo, um professor de Biologia que ensina somente os conteúdos da sua área, tais como célula, corpo humano, micróbios, entre outros, e, não se preocupa em criar condições que leve o aluno a pensar para além da ideia de corpo humano, será um mero professor profissional, segundo a

ideia do pensador aqui referido. Mas: “o professor que propõe qualquer conteúdo e tenta articulá-lo com os problemas sociais, culturais e políticos, deixa de ser um mero profissional e começa a assumir a condição de intelectual. ” (DOMINGUES, 2014, p.39).

O professor intelectual estará preocupado em desvelar os problemas sociais ao problematizar e refletir nas questões que inquietam a sociedade com suas contradições, como problematizado por Adorno (2010, p. 54-55):

Mas se alguém é ou não é um intelectual, esta conclusão se manifesta sobretudo na relação com seu próprio trabalho e com o todo social de que esta relação forma uma parcela. Aliás, é essa relação, e não a ocupação com disciplinas específicas, tais como teoria do conhecimento, ética ou até mesmo história da filosofia, que constitui a essência da filosofia.

Assim, o professor intelectual, independente de que área seja, estará sempre utilizando dos conteúdos ensinados em sala para suscitar a reflexão e a problematização que contribuirão para formação dos alunos como indivíduos emancipados, e também, para possibilitar uma sociedade sem barbárie. Afinal, de que valeria a escola se continuássemos a reproduzir uma sociedade onde não houvessem indivíduos emancipados e, sim, com a proliferação da barbárie?

E, no que tange à formação inicial dos jovens e futuros professores do Colégio Estadual Padre Manuel da Nóbrega, urge a necessidade de investigar se, em sua formação inicial, encontra-se a possibilidade da construção de uma consciência apta à vivência de experiências que contribuirá para que possam, não apenas ministrar conteúdos sistematizados aos seus alunos, quanto à problematizarem as causas que possam elevar a segregação e o preconceito em sala de aula.

É muito relevante se pensar no quanto esses futuros educadores, em sua formação inicial, estão sendo sensibilizados à vivência de experiência com o objetivo de se contraporem e resistirem às imposições do sistema capitalista que, por difundir valores consumistas e centrados na produção, poderão excluir aqueles que apresentam características que não são valorizadas pela sociedade de classes. Entre os que apresentam características pouco valorizadas nessa sociedade encontram-se os alunos com deficiência.

Os futuros professores do Colégio Padre Manoel da Nóbrega estão dispostos a viver experiências inclusivas com esses alunos?

Mas, o que significa estar apto à experiência? Adorno (2010, p. 151) reflete:

Mas, aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo - a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação.

Isto significa que pensar é o mesmo que fazer experiências. É preciso, para haver experiência intelectual, segundo Adorno, um envolvimento, não apenas com a atividade docente realizada, como também um envolvimento social. Para haver um envolvimento social é necessário está disposto a interagir com as pessoas. E, essa interação exige, segundo o autor, o exercício constante do pensar. Uma interação impregnada de reflexão que desperte o senso-crítico e que torne os indivíduos, cada vez mais, humanos.

O que revela o discurso dos futuros educadores do Colégio Padre Manoel da Nóbrega em relação à vivência de experiências com alunos com deficiência incluídos em turma comum? Veremos a seguir.

Resultados e discussões:

Para conhecer e problematizar o discurso predominante entre os futuros professores do Colégio Padre Manoel da Nóbrega foi utilizado como procedimento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, dirigidas a 5 (cinco) alunos da turma e que serão apresentados e analisados com base na Teoria Crítica da Sociedade, com ênfase no pensamento de Theodor W. Adorno. Optou-se em realizar entrevistas com apenas cinco alunos do total de dez, por estes serem mais frequentes.

Foram dirigidas três perguntas.

Quanto à primeira questão:

O que pensa em relação à ideia de que poderá lecionar em turma com aluno com deficiência incluído?

As respostas foram as seguintes:

Acho que todo aluno deva ser incluído. Em minha futura turma, desejo, não apenas integrar, mas sim, incluir. O fato do aluno está atrasado em relação à algumas questões, não significa que não possa ser incluído.

Não podemos ver os alunos por suas dificuldades. Mas, temos que observar o que são capazes de fazer. Todos os alunos e professores possuem suas dificuldades. Temos que saber lidar com elas. (Jociene).

Eu acho que isso seria o certo. Veria um método para que essa criança com deficiência conseguisse entender, como as outras, com toda atenção que ela precisasse. (Lara).

Eu penso que não devemos receber um aluno com deficiência com diferenças. A preparação que temos que ter é assim: o ensino é o mesmo para todos os alunos desde que sejam capazes de se adaptarem na integração em sala. (Flávia).

Eu, como futuro professor, ao pensar que terei alunos com deficiência, seja ela qual for, acredito que seja um desafio para qualquer outro docente. Porém, o professor, ao incluir o aluno com deficiência, tem que ter seus princípios de que irá planejar para os seus alunos e praticar com eles o mesmo exercício que aplica às crianças sem deficiência. Deverá abraçar o seu aluno incluído, como qualquer um outro, fazendo com que ele sinta confiança e não se sinta excluído. Para isso, devemos estudar uma nova metodologia sobre diversidade, seja ela na sala de aula ou em outro lugar. (Vítor)

Seria um aprendizado para mim, pois o bom professor é o professor pesquisador. Eu iria pesquisar vários métodos de ensino para o aluno acompanhar os outros no seu desenvolvimento. (Vitória).

Ao observar o discurso dos futuros professores, percebe-se, à priori, a não existência de aversão à ideia de, possivelmente, ter que atuar em turmas com alunos com deficiência incluídos. A deficiência não é sinalizada em seus discursos como um impeditivo para que se possa haver interação entre professor e aluno. A fala da aluna Jociene explicita bem isso, ao dizer: “Não podemos ver os alunos por suas dificuldades, mas, temos que observá-los no que são capazes de fazer”.

Mesmo sobre o jugo da sociedade capitalista, em que se valoriza muito o ideal de “aluno saudável” é possível se pensar numa formação de professores que habilite o profissional no sentido da formação para além dos limites biológicos, cognitivos e sensoriais dos alunos. É ainda possível se pensar numa educação capaz de valorizar as diferenças. Pois, segundo Adorno (2010. p.168):

Acredito ser importante para a educação que se supere este tabu acerca da diferenciação, da intelectualização, da espiritualidade, que vigora em nome do menino saudável e da menina espontânea, de modo que consigamos

diferenciar e tornar tão delicadas as pessoas no processo educacional que elas sintam vergonha acerca de cuja importância havíamos concordado.

Segundo Adorno, a classificação do menino ou da menina saudável não deveria, necessariamente, estar sobre a influência dos parâmetros estabelecidos na sociedade capitalista, que por valorizar, em muito, os estereótipos consolidados através da família, da escola, da igreja, da cultura e da mídia, estipulam como bom ou correto o modelo de indivíduo, incapaz de desviar-se dos padrões e valores estabelecidos e afirmados nessa sociedade. Mas, que pela educação possa ser capaz de superar o tabu acerca da diferenciação. Ao acreditar ser possível, pela educação, tornar indivíduos delicados no sentido de se admitir uma concepção de “menino saudável” e “menina espontânea” para além dos ditames da sociedade burguesa.

Apontar caminhos alternativos para inclusão de pessoas com deficiência em classe comum, exige, sem dúvida, a atuação de professores dispostos a viver a experiência de ensinar e interagir com todos. Essa se faz, não exclusivamente por dominar conteúdos sistematizados, mas também, com o auxílio do constante pensar em relação à prática pedagógica. E, conforme Costa (2012, p. 28):

(...) os desafios postos à educação inclusiva se dão em grande parte, em decorrência dessa "inaptidão à experiência" por parte dos professores. A educação inclusiva demanda a formação de professores para além da reprodução de modelos pedagógicos, no sentido de possibilitar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos por meio da experiência e autonomia docente, partindo das ações dos professores. Esse é, dentre outros, o mais significativo desafio à educação inclusiva.

Como o mais significativo desafio à inclusão, faz-se presente a formação de professores. Mesmo considerando as demais barreiras - políticas, culturais e de acessibilidade - como sendo inegavelmente influentes, todas tendem a ser esvaziadas diante da determinação docente. Pois, por mais que não se concretizem as políticas de direito à acessibilidade de inclusão das pessoas com deficiência na escola pública, se a determinação docente for em prol do acolhimento e da possibilidade de viver experiências pedagógicas com autonomia, mesmo que com poucos meios ou recursos tecnológicos, a inclusão e a aprendizagem desses alunos poderão tornar-se realidade.

Ao analisar a fala da aluna Vitória, ao se referir ao “bom professor” como sendo o professor pesquisador, pode-se notar que esta concepção é bem oportuna. Pois, segundo Adorno (2010), para que o educador possa refletir acerca das ações de sua profissão é necessário que não fique restrito ao aprendizado profissional e ao conteúdo. Mas, o pensador sinaliza a necessidade de se pensar para além da especificidade dos conteúdos ao se fazer uma relação dos mesmos com a realidade social que cerca, tanto os alunos quanto o professor. A pesquisa pedagógica e os conhecimentos teóricos, segundo o autor, poderão nortear o trabalho do professor.

Por isso, Adorno (2010, p. 54) demonstrou sua preocupação em refletir se a avaliação aplicada aos professores de Filosofia da segunda metade do século XX avaliaria "(...) se os candidatos conseguem ir além do seu aprendizado profissional estrito, na medida em que desenvolvem uma reflexão acerca de sua profissão, ou seja, pensam acerca do que fazem, e também refletem acerca de si mesmos." A reflexão para Adorno poderia ser possível através da pesquisa teórica ou do aprofundamento acerca da realidade que rodeia o trabalho docente.

Quanto à segunda pergunta:

O que pensa em fazer se, o aluno (a) com deficiência, não assimilar o conteúdo?

As respostas foram as seguintes:

Tentarei buscar, ao máximo, outro método de ensino. (Jociene)

Irei pensar numa forma mais clara para que consigam entender melhor o conteúdo. (Lara)

Vou tentar compreender e tentar entender o que está passando com ele, para poder ajudá-lo. (Flávia)

O aluno, ao não entender o conteúdo, não deverei desistir, e sim, persistir no que ele possa aprender. É claro que não vou todas às vezes conseguir atingir meus objetivos com o aluno. Mas devo buscar dele no que ele possa me ajudar para a compreensão de sua dificuldade. Se eu não conseguir, procurarei novas metodologias para que, num exato momento, possa atingir meu objetivo. A criança, com qualquer tipo de deficiência deve ter atenção para que possamos entendê-la. (Vitor)

É bem expressiva a fala do aluno Vitor ao dizer: “O aluno, ao não entender o conteúdo, não deverei desistir, e sim, persistir no que ele possa aprender”. Sua fala demonstra sensibilidade em perceber que os alunos, seja com deficiência ou sem deficiência, possuem formas de aprender que se diferem de acordo com a subjetividade de cada um. E também, pode-se lembrar que, mesmo que não tenha facilidade em aprender determinado conteúdo, poderá demonstrar maior desempenho em outro. Mas como todo aluno possui maior aptidão em certa área do conhecimento, isto também poderá ser observado em relação ao aluno com deficiência. Alguns poderão ter maior facilidade na leitura e na escrita. Outros, com os cálculos e, ainda outros, em relação às Ciências Humanas. Becker, contemporâneo de Adorno, em seu debate com o pensador, observara essa característica dos seres humanos, ao problematizar:

Penso que no referido processo de atenção ao espontâneo e de simultânea conscientização realiza-se uma espécie de superação da alienação, e a partir desta perspectiva parece-me necessário rever a estratégia interna das várias disciplinas educacionais. O que quero dizer pode ser explicado melhor a partir de um exemplo da matemática. É bastante conhecida a história das pessoas que seriam totalmente desprovidas de vocação para a matemática, em que sempre tirariam nota “zero”, mas em compensação tirariam “dez” em filosofia e em latim. Hoje sabemos que esta situação se sustenta num ensino de matemática baseado em decorar fórmulas, mantendo a axiomática em segundo plano, enquanto o moderno ensino de matemática, tal como desenvolvido por exemplo nos países da OCDE (organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e ensinado na Europa Ocidental e na União Soviética, apreende a matemática como princípio fundamental do pensamento. (ADORNO, 2010, p.148)

Então, ao refletir nas palavras de Becker, os seres humanos têm aptidões que se diferenciam. Alguns, mais em uma área do que em outra. E, mesmo nas áreas do conhecimento em que o aluno apresenta menos afinidade ou mais dificuldade, ao se utilizar de uma metodologia centrada nos alunos, mesmo nas disciplinas em que o aluno apresenta inicialmente menos aptidão, a aprendizagem poderá ocorrer.

Quanto à terceira pergunta:

O que tem achado da Disciplina Educação inclusiva oferecida no Curso Normal da escola?

As respostas foram as seguintes:

As aulas são muito boas. É uma forma que podemos entendê-las melhor.
(Lara)

Primeiramente, todos nós devemos nos incluir. E essa matéria, de fato, vem ensinar isso. O modo como vemos o aluno com deficiência; como pensamos; como interagimos; tudo isso, essa disciplina vem implicar. Em minha opinião todas as áreas deveriam implantar essa matéria. (Jociene)

Uma das melhores matérias no currículo mínimo. Ela nos ensina métodos variados de inclusão. Pois, irá ajudar muito na minha formação. Não quero apenas ser um professor e, sim, um professor pesquisador. (Vitória).

Essa disciplina tem proposto aulas com discussões acerca da criança com qualquer tipo de deficiência, seja ela: mental, sensorial e física. A criança com deficiência tem algo a nos oferecer e que é interessante tanto ao professor quanto aos demais colegas. (Vitor)

O discurso dos futuros professores aponta para o reconhecimento de que a Disciplina Educação Inclusiva, oferecida no curso normal da escola, possui sua relevância ao proporcionar uma reflexão quanto à inclusão de alunos com deficiência em classe comum. Sua significância é afirmada por oferecer espaços de discussão que levam os futuros profissionais a reconhecer que, na escola da atualidade, a presença de alunos com deficiência em classe comum é uma realidade. Possibilita a reflexão acerca das possibilidades que esse processo social oferece, tanto de mudança à prática pedagógica, quanto à formação de uma sociedade que respeite as diferenças.

É relevante sinalizar, também, como resultado que, os futuros educadores, sujeitos da pesquisa, mesmo ainda não tendo experiência profissional com a inclusão escolar fora da formação inicial, sustentaram um discurso otimista, promissor e não preconceituoso em relação à atuação com alunos com deficiência em turmas inclusivas. Fornecendo uma possível perspectiva não preconceituosa às futuras gerações de educadores.

Conclusões:

Os resultados deste trabalho revelaram que a existência de uma disciplina específica, voltada às questões da inclusão do aluno com deficiência em classe comum, oferecida na escola, através do Curso Normal em nível de Ensino Médio, abriu espaço para que fosse proporcionado um ambiente de discussão onde se pudesse dialogar com as possibilidades da atuação dos futuros professores diante desses alunos. Não se trata de estudar a fundo cada deficiência ou saber lidar com cada aluno, mas sim, levar os futuros educadores à reflexão

acerca do trabalho que os aguarda. Conscientizá-los de que, ao exercício do magistério cabe, não exclusivamente dominar conteúdos sistematizados, mas também, estar apto a viver experiências educacionais novas à sociedade. Isto é, experiências inclusivas.

Os futuros docentes têm demonstrado em seu discurso que a práxis pedagógica inclusiva proveitosa, demanda o constante pensar pautado na pesquisa.

Quando se espera que bons professores tenham acesso à formação teórica, não significa, exclusivamente, que tenham acesso a uma grande quantidade de conhecimento e/ou que devam transmitir essa cultura aos seus alunos. Mas, o que é viável, é que sua formação teórica o subsidie na capacidade de ampliar seu pensamento em direção à boa interação com seus alunos. Que essa formação, que também é cultural, o possibilite na compreensão do mundo repleto de diferenças, conflitos, valores e contradições que cercam os seres humanos e a sociedade em que vivemos. Sociedade repleta de diferença ideológica, política, econômica, religiosa, cultural, étnica e com uma infinidade de características.

O professor com uma boa formação cultural, ao utilizar do pensamento reflexivo, tenderá de maior facilidade em entender e interagir diante dos conflitos e das diferentes situações que poderão surgir no cotidiano da sala de aula. Reconhecerá que as diferenças no modo de agir, de pensar e de aprender é marcante nos seres humanos. Também, lembrará que não poderá executar, integralmente, todas as recomendações estipuladas pelo capital e pela sociedade administrada.

A escola pública da atualidade necessita, não somente dos recursos materiais propícios ao trabalho pedagógico, como também da implementação de políticas, capazes de promover e estimular a constante formação teórica e cultural dos professores, a fim de que possam atender toda demanda humana e combater o preconceito e a discriminação na escola.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. A Filosofia e os professores. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

COSTA, V. A. Formação de professores e educação inclusiva. In: CARVALHO M. B. W.; COSTA, V. A.; MIRANDA, T. G. (orgs.) **Educação básica, educação superior e inclusão escolar: pesquisas, experiências e reflexões**. Niterói, R.J: intertexto, 2012.

DOMINGUES, T.M.S. *Alunos com deficiência na educação de jovens e adultos: experiências de inclusão na escola pública*. Dissertação de Mestrado. Niterói-RJ: 2014.